

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--19 de Setembro--1929

L. C.  
n.º  
Alvaronga  
**U. S. S.**  
XXXXXXXXXX



**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**174**

sempre

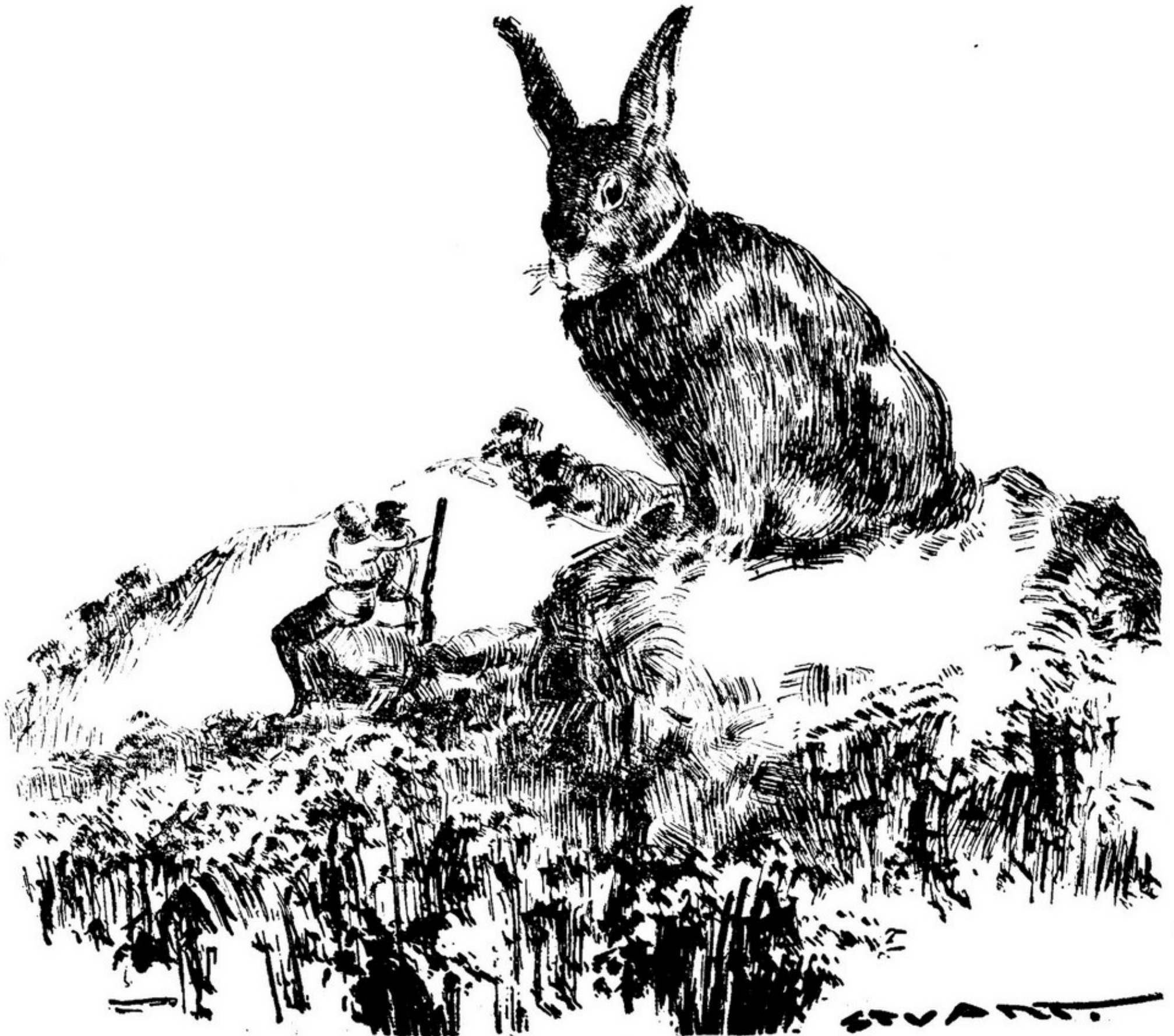
**fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# A ABERTURA DA CAÇA



-- Posso estar descansado. Enquanto êle se atrai a ela, não me atrai a mim'





# Os ditos da semana

**Nabos ou espigas?** A electricidade vae custar mais 20 %.

Quando ha cerca de um ano se inauguraram os novos candieiros da iluminação publica os nabos da Avenida — o coro de louvores foi geral. Ficamos todos satisfeitos e iluminados.

A Avenida perdeu alguns dos seus encantos, porque ha coisas que não se fazem as claras, mas em compensação desaparecia o perigo dos assaltos. Chegou-se mesmo a pensar que aquilo era uma guerra declarada a mão armada e à mão fatal.

Eloioi-se a actual vercação e disse-se mal das antigas que não tinham tido coragem nem dinheiro para o melhoramento.

Sabe-se agora que somos nós que temos de pagar os nabos e verficar-se, mais uma vez, que as coisas na Avenida nunca se faziam as claras.

E já ninguém acha graça aos nabos que, em todo o caso, não perdem a seu caracter vegetal, porque toda a gente lhes chama agora uma grande espiga.

Plantaram-se uma vez e a gente vae pagar a toda a vida.

**Se as posturas se cumprissem**

Se as posturas se cumprissem, os carros electricos passariam a transportar apenas homens e varinas. Homens de todas as categorias e varinas de todas as edades, incluindo na categoria de varinas todas as mulheres que não uzam chapéu.

As senhoras finas, as senhoras da moda e as que julgam ser da moda, teriam de andar a pé ou de taxi.

Mas as posturas não se cumprem. Não se cumprem muito especialmente as que dizem respeito a meios de transporte. Tambem ha uma postura que proibe cuspir nos carros electricos e toda a gente cospe, até o pessoal da carnis.

Mas se as posturas se cumprissem, ou a moda se modificava ou as senhoras não entravam nos carros, porque ha uma postura que diz assim:

«Não é permitida a entrada nos carros ás pessoas que pela deficiência de vestuario possam incomodar os passageiros.»

**Balillas** Andou por ai a rapaziada italiana em grande regabofe.

Na Italia vale a pena saber a lição, embora não sabendo nada de geografia. Quem dá conta do recado apanha uma

passateia quasi de borla e com todas as honras.

Ao contrario de alguns paizes, onde ir para fóra é um castigo, na Italia ir para fóra é um premio.

Nos que tantas vezes saímos bem dos nossos exames, o mais que conseguimos foi ir ao Dalundo de carro electrico. Viajara com paquete por conta, como lord que viaja no seu yacht, nunca apanhamos.

E os rapazes concluziam-se bem, com boa educação, não tratando mal a gente, não nos virando as costas senão no dia da partida, porque não podia deixar de ser.

E' verdade tambem que eles não eram tão creanças como os nossos jornaes anunciaram. Alguns eram mesmo pessoas crescidas, não como

o Camarão nem como o sr. Acurcio Pereira, mas creaturas com mais de 1,50 de envergadura.

Alinal, aquilo de se dizer que os Balillas eram creanças de quinze anos, era balela. Uma balela sobre os Balillas.

**Cost'a do Sol e qu bra costas**

Segundo as estatisticas, cada pessoa que vae à praia do Monte Estoril, traz nos sapatos cem gramas de areia até a escada que dá acesso à estação do caminho de ferro. Ai, descalçam-se os sapatos e sacodem-se as meias. E a areia fica na escada. Tambem, segundo calculos baseados nas estatisticas, prevê-se que, no fim da epoca, já não

será possivel conhecer os degraus. Aquilo fica transformado numa rampa e num quebra-costas. Como estes calculos matematicos não fallham, acha-se já em organisação uma grande companhia que se propõe alugar Skis e Tobogangs, para a descida, creando-se assim um novo sport entre nós. E só então se reconhecerá que foi asneira ter-se construido a escada.

O negocio deve ser de rendimento, a não ser que, antes disso, alguém se lembre de mandar varrer a escadaria, como no tempo em que não havia turismo.

**Notas** O governador civil de Setubal obriga as filarmónicas a pagar imposto. Muito bem.

Se ha que pagar, que pague quem pode.

Ninguém dá notas com mais facilidade do que uma filarmónica.

**O "Nicola"** Está prestes a abrir o «Nicola». Norte Junior conseguiu meter debaixo dum alpendre, que a comissão de estetica do Municipio nunca viu, uma coisa bonita, uma coisa elegante, moderna sem ser futurista, interessante sem ser arrebitada.

E agora que venham os frequentes que, embora poetas, não sejam como os do velho «Nicola» — Bocages sem vinhem — porque o café ha-de custar os seus 80 centavos naturalmente.

Seja como for o novo «Nicola» deve ficar sempre a perder, porque Bocage não tinha nada no bolso, mas levava ideias na cabeça. E os de agora, nem no bolso nem na tola.

## Pureza de linguagem

Resta assim uma taboleta colocada por uma camara dum distrito proximo de Lisboa num caminho agora arranjado:

**C. M. B.**  
**E. PURIBIDO O,**  
**TRANSITO DE VEICULOS**  
**POR ESTE CAMINHO.**

Deba ser puribido atiqueçar estas coisas!

## Prof. Ricardo Jorge



**SEMPRE FIXE** sanda o eminente homem de sciencia e de letras, recém-chegado do Rio de Janeiro, onde brilhantemente representou Portugal e a Peste no Conzario da Academia Brasileira de Medicina.

Os microbios das suas relações ficaram habes com o regresso do quem, na preocupação constante, basilar e bacilar de extinguir a peste, exclama inflexivel: — Na guerra ao bacilo não vacilo! Reajmento, S. Ex." só descansará quando esorraçar o mal de todo o mundo, principalmente da Hungria, onde o illustre higienista vê em Budapesto um foco gravissimo.



# THEATRO

## «RETROZ DRETO...»

EM um momento crítico chegou ao pé dum homem de teatro e disse-lhe:

— V., que tem sempre em primeira mão todas as obras estrangeiras de maior successo, já sabe que se estreou há três dias, em Paris, uma peça americana muito curiosa?

— Qual é?

— A «Prisão». Arranja já, antes que outro qualquer se lembre disso.

Assim fez esse homem de teatro. Levou-a ao conhecimento da companhia E. L. A. de A. Disse o que era a peça e ficou, em principio, acolta *le-marchés* para um lado, *demarchés* para outro, e a «Prisão» foi pedida.

Passados meses, o actor-empresario E. B. diz ao mesmo homem de teatro, em confidencia:

— O actor A. de A. diz que tem a «Prisão» mas quem a tem sou eu. Se queres ver, vai telegrafar-me.

Calcula-se o homem de teatro. Voltou a falar ao actor A. de A. Depois de lhe assegurar que o E. B. possuía a peça, o nosso bom A. de A. replicou:

— Deixa lá isso E. Quem a tem sou eu e não tu.

Mais tarde, E. B. dá uma entrevista ao *Século* e pergunta: «Prisão» no seu novo repertório?

— E não, por acaso, falou a A. de A. que não disse.

O E. B. faz a vez hoje que tem a «Prisão» — mas se amanhã, não sabemos: o E. L. já a comprou e, se nós a quizermos, é a nossa.

Há dias, porém, chegou do estrangeiro o actor-empresario A. da C. Foi esperada a estreia e o velho homem de teatro. Entre muitas coisas, conta-lhe A. da C. nos seus annos:

— Compré em Madrid, com Gedeão, uma peça americana. Estava a espera da copia. Disseram-me então: «Vá lá, vá lá».

— E sabemos. Trata-se da «Prisão» que tem esse homem de teatro.

— Como sabe?

— Calculamos. Essa peça é de todos.

— Deixar falar quem fala. Terho aqui os contratos de Gedeão. E' mítica.

Calcula-se o homem de teatro. Mas ficou pensando: «De quem será a «Prisão»?

Dois passados — sábado — o *Diário de Lisboa* publicava, com o título «Prisão», a seguinte informação:

«Para a companhia Maria Matos Mendonça de Carvalho, que vai actuar, na proxima epoca de inverno, no teatro Politeama, acaba o empresario sr. Luis Pereira, proprietario daquele teatro, de adquirir directamente, em Nova York, a propriedade para Portugal da celebre peça americana «A Aranha», representada já em toda a Europa e ainda agora em scena em Paris, com o titulo «Prisão». Esta peça é uma das que a referida companhia fará representar no Politeama, com toda a propriedade, pois se trata de uma obra de grande espectáculo. Em Madrid estreou-se ha no começo do inverno.»



Vitoriano Braga, o dramaturgo de «casaca encarnada». Até os «inimigos» dizem bem da sua inteligencia

Quando estava o *Século*,... Parámos no sr. Mendonça — como diz o *Século*. E é esta a historia da «Prisão».

A «PRISÃO» está a contar a actriz I. S. E. *Uma vez* *representada* do T. M. V. Depois das grandes provas de comedia que fez, em por sessões, ao publico, se lhe restava recolher a casa para descomar a garrafa. E' natural que volte para onde nunca deixou de voltar para o teatro de comedia. A verdade seja que segundo o nosso colega *Chiffre*, já nem se pode falar do seu antigo repertório. Fui tu, E. B. hoje, em quasi todo. E' o que conta de o que transcrevemos.

A I. S. abandonou o Parque Mayer, desistindo, ao que parece, de proseguir na opereta. Não lhe devem ter ficado saudades do T. M. V., mais da *Rosa Enfeitada*, mais do *Cabeça de pau*. Na verdade, encontrava-se deslocadissimo.

Se voltar a constituir companhia dramática, o seu repertório diz-se que ficara desfalcado. Assim, consta que o sr. Alfredo Cortés lhe pediu a sua peça *Loures* para a confiar a Aura Abranches, ao dispôr de quem, bem como de Adelina, pôs igualmente a peça *O Lodo*. Por seu turno, o sr. Vitoriano Braga ter-lhe-la pedido a peça *Inimigos*, para a confiar a uma companhia que se encontra no Brasil. Acrescenta-se que I. S., aquiescendo, acrescentára com amargura:

— Pode tambem levar as suas traduções, se quizer!

Lamentamos este facto, tanto mais

que I. S. é uma grande actriz de comedia e de drama, uma das nossas maiores ingenuas e que melhor interpretou aquelles dois dramaturgos. Faltou falta nesse teatro e, apesar de tudo, bemvinda seja novamente para o teatro cívico, para o teatro que, afinal, é a vida...

Nunca devia ter organizado companhias nem nunca devia julgar-se acima de tudo e de todos.

I. S. tem, absolutamente, o seu lugar no teatro portuguez dramático e é nele que deve viver...

As companhias que estão a organizar-se tem obrigação de se lembrar do seu nome. No seu genero — e quasi nunca — quem disser o contrario não conhece os seus meritos...

ESTREOU-SE na E. E. do Parque Mayer uma revista intitulada «Off-sides». A critica do *Noticias* fecha com este periodo:

«E assim, Pedro Baudiera, que fez seminho mais do que os sete alfaiates da anedota, bem ajudado pelos seus colaboradores musicais, não ficou «off-sides» — antes meteu um belo «goal» nas redes do publico, que aplaudiu com entusiasmo a equipe vitoriosa dos autores.»

Esta piada dos *sete alfaiates* não sabemos para quem seja... Eles que enfiem a carapuça, porque isto leva sobrescrito...

O VELHO Nobre fez-se comprador de peças. E' o que reza nesta noticia:

«O nosso colega Nobre Martins

adquiriu da Sociedade de Autores Hungaros, de Budapest, a peça «Por causa duma actriz», de Ladislao Todór, um dos ultimos exitos europeus.»

Julgamos que a noticia está mal redigida ou que houve engano na typografia. A noticia deve ser esta:

«Por causa duma actriz que pertencia a Ladislao Todór, o nosso colega Nobre Martins adquiriu em Budapest a Sociedade de Autores Hungaros.»

E. A. E. anda, por terras do norte, com a sua companhia. Devido a ter interpretado, em Lisboa, alguns papéis onde fazia uma leve critica aos portuenses, anda boboiteando á volta da cidade invicta.

«Acerta desse facto», o *Chiffre* diz:

«Como se sabe, Estevão Amante anda em *tournee* pelo pais e tem estado no norte, muito pertinho do Porto. O popular actor não visita a segunda capital ha muitos anos, por motivo de incidentes e de equívocos que ainda se não desfizeram. Como quer que seja, muitos portuenses não podem vir a Lisboa com frequencia e que apreciam o actor do «Gangão», tem aproveitado a sua visita as proximidades da «Invicta» para o aplaudir sem reservas.»

Desde se prova que os verdadeiros portuenses — os que tem *intelligencia* — são superiores a *esses pequenos papéis*...

HA dias — no T. do G. — uma actriz faltou ao espectáculo. Faltou em cheio. A casa estava a ebulição. O espectáculo tinha de principiar e principiou mesmo. Como ha de ser? A personagem era indispensavel. Empresarios, actores e actrizes, como dantes, tinham conferido, pelos cantos do palco. De repente, a *costante* duma outra actriz lembrou-se de dizer:

— Se querem, eu faço o papel.

A resposta foi unanime:

— E' para já!

E foi sem a pensarem, nem a vestirem, entrou no palco. Assombrada dos artistas, assombrado do ponto, assombrado de todos... menos do publico, que não deu por isso. A pobre rapariga representou como se tivesse sido já artista, como se soubesse de cor o papel. Não teve uma pausa, não se atrapalhou e não deixou de dizer tudo quanto o ponto lhe assoprou...

A's onze e tal da noite, chegou a actriz. Com a maior inconsciencia, nem sequer inquiriu do que se havia passado. Sinal dos tempos — como diria o falecido jornalista Moreira de Almeida. A empresa limitou-se a descontar-lhe cincoenta por cento do ordenado...

Já não ha empregarlos...

O Homem das 5 horas



# Uma amabilidade O «Modus Facciendi» BOM HUMOR

Rodava o século XIX. Após as costumadas dificuldades, conseguira formar-se o novo ministério. Aquele ministério a que o povo, segundo me parece, chamou o «ministério dos novos». Não compete aqui avaliar do que política e administrativamente esse ministério fez.

Cabe aqui apenas uma anedota que se atribue a um dos membros desse ministério.

Em determinada repartição entrava um processo pelo qual muito se interessava a rainha — ha bem poucos anos falecida e cujo viver foi um rosário de martírios.

Quando o processo foi a despacho, o ministro, com o melhor dos sorrisos, ordenou ao director geral que lho deixasse no gabinete... para o estudar.

Estudou, viu o processo e verificou qualquer coisa de anormal. E entendeu por isso não o despachar, nem favoravelmente, nem desfavoravelmente.

Dormiu, pois, o tal processo o chamado sono dos justos, no gabinete do ministro, apesar de constantemente lhe solicitarem o seu despacho.

Correram dias, semanas, meses. Um dia, o presidente do conselho chamou para o caso a atenção do ministro. E este, sorrindo sempre, disse: — Deixe-me ver que eu vou ver. O que me parece é que o assunto não pode ser resolvido favoravelmente, como V. Exa. desejaria.

E o processo continuou a dormir socogadamente.

Certa noite, o ministro recbia em sua casa o presidente do conselho. Falou-lhe do processo. Do interesse da rainha pela sua breve resolução. Do interesse que elle, presidente do conselho, tinha pelo seu despacho favoravel.

O ministro, invocando razões de peso, delicadamente foi dizendo que, a despachar o processo, o faria desfavoravelmente.

Nová insistencia do presidente do conselho. Nova recusa do ministro.

— Pois, meu caro ministro, diz o presidente do conselho, não saio de sua casa enquanto não o despachar favoravelmente.

Fra uma delicada intimativa.

Então, o ministro, chamando a esposa, disse-lhe:

— Fazes favor de mandar preparar um quarto... porque vamos ter o prazer de ter por hospede, durante muito tempo, o sr. presidente do conselho!...

Joaquim Silveira conquistara aos 18 anos de idade, uma alcunha pitoresca que, longe de o desgostar, elle ostentava com o orgulho de quem obteve um titulo de impercível gloria. De facto, elle dera ao cognome uma popularidade a que se conservavam estranhos e nome proprio e o apelido.

Se perguntassem a qualquer dos seus conselheiros e amigos pelo Joaquim Silveira, era certo que, de todos eles, obteriam a mesma resposta desconcertante:

— Joaquim Silveira? Não conheço...

Mas se lhes falassem no «Modus Facciendi», logo todos clamariam, com uma alegria irresistivel a brilhar-lhes nos olhos:

— Conheço muito bem.

O «Modus Facciendi» era considerado, sem desprimor para Mr. Aristides Briand, como o genio da habilidade. Para elle não havia coisas impossiveis.

Se lhe diziam:

— O «Modus Facciendi» tu eras capaz de passar a noite na tua R... sem saires de casa?

O interrogado, sem se atarantar, volvia logo:

— Com a maior facilidade.

—?

— Passava a noite na tal R...

— Sem saires de casa? — volvia-lhe o interrogador, admirado.

— Absolutamente. Passava na tua R... sem ter entrado em casa. E como não se saí d'onde não se entra, eu, não entrando, não saía logo, tinha resolvido a dificuldade...

Era assim, desta logica terra, o «Modus Facciendi».

Um dia disseram-lhe:

— «Modus Facciendi», os tempos vão maus para os que, como tu, teem, no seu vocabulario, termos susceptiveis de despertar o pudor no mais empedernido dos carroceiros. Se não

eliminás essas expressões obscenas, vais parar aos Pequenos Delitos, onde soffres a perda de 900 escudos, com a agravante da reprodução do teu julgamento nos jornais mais lidos de Lisboa e Porto.

Imperturbavel, «Modus Facciendi» retorquiu:

— Se o príncipe a concordar que um homem pode ser tao achica como um desses pintados rapaziños que dão, no Chiado, a nota suprema, «arquipeironico», da elegancia masculina, sem usar calções torpes. Mas se quizesse proferir obscenidades, evitando os Pequenos Delitos, poderia fazê-lo, ganhando, ainda por cima, quantias dez, vinte ou trinta vezes superiores as da multa que me applicaram.

— Como assim? — inquiriram com justificado assombro.

— Com a maior facilidade; fazia-me autor de revistas...

«Modus Facciendi», quando inspirado, inventava problema difficeis, só para se dar ao prazer, para ele voluptuoso, de os resolver. O mês passava, num desses momentos d'os seus da sua existencia, d'os sonhos sobre um tapete esta pergunta a quemta torpe:

— Tu admittes a hipótese de que um homem possa ir aos ventos a outro, e de que o agredido, ainda que seja valente como as armias, em vez de se postar, se mostre grato?

Resposta rapida do interrogado:

— Consultar a tua hipótese de partida.

— Pois é sensatissima.

—?

Então, quando se applicou, em Portugal, o metodo Asuero, alguns medicos não foram das ventas aos clientes. E que fizeram os agredidos? Pagaram e ainda por cima se mostraram agradecidos.

C. L.

## José e Julio Vicente Costa



Os dois conhecidos banqueiros do Chiado que são tão matutinos como simpáticos. Se um é um verdadeiro cofre de libras, o outro é um lavrador e agricultor entusiasta.

Na rua:  
— Vai ali o Alfredo com a filha ao colo. Casou com uma telefonista, sonhando ter um rapaz... e afinal saiu-lhe uma rapariga.  
— Naturalmente! As meninas do telefone nunca dão o numero que se lhes pede...

\*\*\*

— Perguntas se me dou a cabeça a primeira vez que fumei? Mais ainda! Dou-me todo o corpo!  
— E' estranho!  
— Não podes imaginar! Meu pai deu-me uma tremenda sova.

\*\*\*

— Não compreendo! Quando te dou mais dinheiro para as despesas da casa, não chega. Quando te dou pouco, arranjas-te.

— E' facil de compreender! Quando me das mais pago as dividas que faço; quanto me das menos...

\*\*\*

Entre marido e mulher:  
Ela: — Tu deste um beijo á criada do hotel, não é?

Ele: — Deu, sim, querida! Foi para não lhe dar gorjeta!

\*\*\*

Na casa do medico:  
A empregada: — Este vestido vai-lhe muito bem com a palidez do rosto.

A freixosa: — Mas eu não sou palida! Impalida! quando ouvi o pregão!

\*\*\*

No consultorio:  
— Que devo fazer, doutor? Meu marido falta quando está a dormir!

— Isso não é grave, minha senhora!

— Isso é! Não vê o doutor que não lhe posso responder como ele mere-

\*\*\*

O prologo:  
Ela: — Quería saber se um homem que ganha 24 contos por ano pode casar...

Ela: — Comigo, não!

\*\*\*

— Onde vais tão apressado!  
— Minha sogra está a morte com uma indigestão de lagosta.  
— Vais chamar o medico?  
— Não! Arranjar outra lagosta...

\*\*\*

— Antonio, ontem a noite deixei ficar sobre a mesa dois bolos e hoje se apparece um. Como se explica isto?  
— E' que não vi na escuridão o outro bolo...

## UMA VERBENA



O tenente Limpo de Lacerda, que com a maior limpeza organizou a verbena de S. Pedro de Alcantara, a favor da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.



A carequinha da linha de Cascais



# Elevador da Gloria

# Belmonte no Estoril

# O FALADOR

O poeta Mauricio Rostand, filho do celebre autor do *Chantecler*, assistiu a um banquete e succedeu ficar sentado ao lado duma senhora, que tinha fama de ter muito mau halito.

Para evitar qualquer ironia do poeta, a dama não disse uma palavra durante o banquete.

Ao chegar a sobremesa, o criado trouxe um queijo da Holanda, colocando-o entre Rostand e a tal senhora.

O cheiro do queijo era repelente. Enojava a pituitaria mais insensível. Maurice Rostand aproveitou então a ocasião e, voltando-se para a senhora, perguntou-lhe com a maior naturalidade:

— Esta falando comigo?  
 — Não! — disse ela revoltada.  
 E Maurice Rostand:  
 — Então era o queijo!

\*\*\*

Estando Baptista, com outros literatos, num café, discutindo acerca duma passagem de Aristofanes, que não entendiam, o Artur Dias, poeta consagrado, pediu que lhe deixassem ver a passagem. O Artur Dias examinou e disse que ali só faltava um ponto de interrogação para se tornar inteligível.

— Tenta a bondade — disse o Baptista, molestado por se ver vencido pelo Dias — de me dizer o que é ponto de interrogação?

— Um ponto de interrogação — respondeu o outro — é uma pequena coisa feita que faz perguntas.

Baptista, que era marreco, ficou passado.

## O CARACOL

Da senhora mais modesta,  
 A madama d'alta roda,  
 Da mais louca a mais modesta,  
 Todas vão seguindo a moda  
 Do caracol sobre a testa.

E um homem que tem piada  
 Não tem, com riso escarvado,  
 Vendo uma dama casada,  
 Que dizem mal comportada  
 E que usa caracolinho:

— Mas isto não faz sentido!...  
 Ela e que usa o caracol  
 E é o pobre do marido  
 Quem, segundo tenho ouvido,  
 Deita os pausinhos ao sol!...

E, ainda sobre paus,  
 Mais outra historia suavia,  
 Que prova que os condutores  
 Não são afinal tão maus.  
 Como muita gente os pinta,  
 Meus queridíssimos leitores.

Numa rua dum bairro popular,  
 Estava-se um prédio a pintar  
 Com requintado, esculpido a óleo,  
 E havia, como é costume,  
 Um velhissimo tapume  
 Quasi rentinho ao passeio.

De modo que o electrico, ao passar  
 Co'a rapidez dum carto-pers-guido,  
 Sem se poder desviar,  
 Quasi que vinha tocar  
 P'los velhos paus de andar ao  
 drecho.

E então, os condutores, que são maus,  
 Que não terão educação distinta,  
 Mas que não são tão bruscos, tão  
 grosseiros,

Nem assim tão maus  
 Como muita gente os pinta,  
 Diziam aos passageiros:

— Cuidado, meus senhores! Ninguem, agora,  
 Deita a cabeça de fora!  
 Tomem cuidado co'os paus!

João Fernandes.



— Como come?  
 — Como?  
 — Como come?  
 — Como como? Como como como.



Os leitores já sabem que o deficiente Belmonte teve a disão de vir tranquilamente veraneiar para Portugal. E sabem também que o não deixaram tranquilo, tantas foram as touradas que o infeliz veraneante teve de dirigir. O que não sabem, mas ficam sabendo, é que, a par das touradas que teve de dirigir, teve Belmonte que digerir inúmeros jantares com que os «aficionados» seus admiradores o brindaram... à força.

Pobre Juan! Encontramo-lo ha dias, quando vinha acompanhar a familia aos banhos — porque Belmonte nem sequer aproveitou os banhos de mar — e deparamos com um Belmonte mais cansado do que aquele que viramos quando veio desançar, e, agora, cansadissimo, estafadissimo!...

\*\*\*

Belmonte foi sempre modelo de pessoas bem administradas e, salvo o *fructoso* neste verão, não ha emprego que se gane de o ter explorado nem *bolistas* que o tenham apinhado — salvo os deste verão.

Sabendo nos que Belmonte dispõe dum automovel *Bells* e dum *Packard*, além dum que o primo do Ford o lhe serve para o campo, ficamos espantados quando o encontramos no Estoril com este ultimo. Mas o sabio Belmonte explicou-nos:

— No ve Estad que los coches buenos los uso en Estaña, onde na puedo pasar des-petachado, pero al extranjo venigo con el economico para que sean economicas las cuentas de los hoteles. Se me ven con los coches caros, figurase Usted!...

\*\*\*

Os jornais portugueses fizeram-se eco da noticia de que Belmonte comprara, antes de vir para Portugal, duas *imcas*, pelas quais deu alguns milhões de pesetas.

Belmonte, quando leu a noticia, deu dois pulos e pôs as mãos na cabeça. Com tal fama de milionario, que contos lhe apresentariam no Mont'Estoril?!

Realmente, apareceu, pouco depois, a primeira conta *salgada* — o que se explica pela proximidade do mar. E Belmonte protestou.

— Ora — disse o nosso esperto patriota — isso que é para V. Ex.<sup>a</sup>, que acaba de gastar milhões?!

— Por eso, por eso — aproveitou adriano o espertalhão — como acabo de gastarlos, no los tengo!...

\*\*\*

Na ultima manhã em que encontrrei Juan Belmonte, ia este para a praia, a reboque da familia.

Saudamo-nos com o setecimeronia de duas pessoas que se conhecem ha bons anos e ja fizeram longas viagens tauromaquicas. Mas Belmonte, ia com uma boina branca, das que usam os marinheiros americanos — a moda deste ano nas praias — e, achando-se ridiculo, tratou de tirar a boina.

Tirei eu o meu chapen, correspondendo a inesperada cerimonia. E neste jogo de amabilidade estariam todo o tempo es curião lhe pedisse para se cobrir, a fim de me cobrir eu tambem.

— *¿Estoy muy bien, cubrase Usted!* — *¿¿¿¿¿, y porque no cubrimos los dos?*

— *¿Es que estoy muy ridiculo con esto?*

— *¿Usted estará ridiculo, pero yo soy calvo y estoy al solo.*

E cobrimos, enquanto Belmonte continuava envergonhado com a ridicula boina *yankees*...

Perez la chaise.



I Trabalho quinze anos, economizo quinze, comei mal, mas agora toco a gozar... — II Até Madrid, Paris, Berlim, até, até, até Napolis, até Monaco, Monte Carlo. — III Champagne... Vinho de Porto á francesa... gozar, gozar e mais que gozar, e... oh!... — IV E assim morreu o meu amigo Filinto

— Ora bem que encontro V. Ex.<sup>a</sup>... Eu não sei se V. Ex.<sup>a</sup> conhece o sr. Antunes, irmão do sr. Anacleto, um dos socios da farmacia Pires...

O sr. Antunes é comensal e companheiro de mesa do explicador do meu sobrinho, que anda na Escola Fonseca Benevides. O pai desse meu sobrinho e cunhado do director daquelle companhia de pescarias onde está tambem como gerente aquele homem que ha anos montou uma sucursal de uma grande casa de pneumáticos. V. Ex.<sup>a</sup>, com certeza, deve estar lembrado... Aquela casa que relientou porque um dos socios, um tal Silva, que tem um irmão que é um grande especialista do fígado, gastou todo o dinheiro na batota e o pobre homem quasi morreu de vergonha...

Pois... O explicador do meu sobrinho falou com o sr. Antunes, que pediu ao sr. Anacleto para encontrar algum capaz de salvar o rapaz. O rapaz está a viver em casa do avô, que é aquele proprietario de drogaria que tomou a loja de frespasse ao Ferrão da rua 28 de Abril. O avô, que é filho do tabelião Pais, que morreu de febre amarella, embitou que o rapaz ha de seguir a carreira do bas-avô e so ainda nesse sentido. Ora V. Ex.<sup>a</sup> está a perceber... O rapaz está na idade de casar e é noivo da filha do dono da casa de carros da rua dos Bemcasados. Se lhe não acodem, faz disparate.

Um amigo dele, que é sargento de marinha, veio avisar-me de que o rapaz anda abe com ideias de fugir com a rapariga, para dar a volta ao mundo a pé e sem dinheiro. Coisas de rapazes novos. No fundo, V. Ex.<sup>a</sup> está a perceber: o rapaz precisava de se arrumar numa repartição public. Se ele não tivesse partido a cara ao filho do visinho de cima... Que esse é que é um bom empenho. V. Ex.<sup>a</sup> deve conhecer. E' aquele sujeito que vendia galinhas na praça e que tem muita influencia. Pois ele até agora colocou o filho daquele homem que aqui ha de haver uns anos deu uns tiros na sogra, ali para o pé do cemiterio dos Prazeres. Esse homem é que seria um bom empenho, mas ele não pode ver o meu rapaz.

De modo que me indicaram V. Ex.<sup>a</sup> e eu achei muito bem, porque... V. Ex.<sup>a</sup> não se recorda de mim, mas uma vez, no Cafe da Chave de Ouro, um amigo de V. Ex.<sup>a</sup> não me lembra o nome dele... mas espere... Ele tem um sobrinho que se da muito com aquele...

\*\*\*

Uff!!! Felizmente, o comboio chegou ao Bessio e eu finda gente com um automovel a minha espera



— O remedio que o doutor me deu para as dores nas pernas não deu resultado.

— Então experimente V. Ex.<sup>a</sup> usar as salas mais compridas ou as pernas... mais curtas.



# Coisas que se contam...

Aqueles a quem o destino confiou a ingrata missão de governar não permite o mundo o uso de certas liberdades.

E se porventura alguém nessas condições faz da liberdade o uso que qualquer cidadão tem direito a fazer, o mundo comenta e arreada sempre para conta, que por lá se cria a seu respeito.

É o caso do falecido rei Afonso XII, a quem se atribuem as mais espirituosas anedotas.

Assim, diz-se que o rei, apesar de rei, se permitia certas liberdades. O povo a-lhe dava a graça. Estimava-o. Não deixava contido de contar piadas a seu respeito.

Eis uma delas:

Habitualmente, o rei, acompanhado do seu camarista — o duque de Albuquerque — saía do palácio pela uma da madrugada e se voltava as cinco milhas do render da guarda.

Uma noite em que o rei se encontrava com um grupo de amigos e o seu camarista, quando se ouvir a dar as quatro da manhã, resolveu em acudir-se a pé para o palácio do Oriente.

Em fúrra de chegar antes das cinco, não fosse o caso de serem vistos. Perdo do palácio encontraram, bastante embriagado, um homem de aparência estúpida.

— Vamos a dormir! — diz o rei. — Temos tempo ainda para isso.

Palavras necessárias ditas e p' o rei e o duque de Albuquerque estavam junto do bebado. Entabularam conversa. Falaram de matemática, de teologia, metafísica, astronomia, enfim, de todas as sciencias. E a cada embriagado respondia com uma declaração de pensamento que ao rei causou espanto.

O certo é que o rei e o seu camarista, estupefactos com a saciedade e ra, começaram a sentir pelo bebado, melhor, pelo estúpido, uma grande simpatia.

E a conversa continuou até que as cinco horas tocaram.

— Vamos depressa! — diz o rei para o duque de Albuquerque.

Mas, quando a última, o rei lembrou-se que sair assim, precipitadamente, da pé do bebado, em quem se achava um pessoa superior, devia ser saber o seu nome.

Então, voltando-se para o bebado, perguntou-lhe o nome e o sobrenome, disse-lhe o nome e o sobrenome.

— Vamos, agora, para casa. — Afonso XII, para o duque.

Então o camarista e o duque foram para casa.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

— Foi o rei, Afonso XII, que me contou isto.

# KARL E FRITZ

Karl tinha perto de sessenta anos quando em entrou na sua vida uma bela loura, desportiva e forte, uma cabellera d'ouro e uns olhos azues de penetração, e que se chamava Magda. Foi uma paixão subita, fulminante, avassaladora. Casaram. E foram felizes. Visto que não tiveram filhos.

Fritz tinha vinte e dois anos quando Karl já tinha sessenta. Podiam, pois, ser pai e filho; e, de facto, se Karl fosse pai de Fritz, não lhe queria mais, e se Fritz fosse filho de Karl, não o trataria com mais respeito. Entre os dois existira sempre a melhor camaradagem; perdão, entre os três, porque Magda os acompanhava sempre para toda a parte; era como o seu inseparável do tempo, a sua abnegação, o seu talismão.

Como era de prever, os olhos de Magda, quando encontravam Fritz, devoravam-no. Fritz, porém, era uma espécie de idolo; e a 60 graus de humidade matava os olhos azues que Magda lhe lançava, mas repetia-se nos momentos que era prático em ser-lhe a esposa, de que de modo e lugar, sem se preocupar com o que lhe dizia para Karl, a mulher, e se a alguma vez, de súbito, Fritz se vir por detrás da mulher, estando separado junto de Magda, quando a mulher lhe ouvia de súbito a palavra, atirava o olhar para o marido, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido.

Vendo a mulher, Fritz tornou-se um homem. Comandava uma casa de ferro e um milhão de dólares. Era um passageiro dois meses depois que abandonara Berlim para caminhar a muitas latitudes, *such Paris*, quando ao Marthe, como se dizia, estava no meio de um caminho, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido.

Fritz levou a mulher em casa de Magda e de Karl. Magda não teve mais trabalho a não que a mulher, quando de Karl entrava para os quartos, nem quando a mulher, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido, e quando a mulher lhe dizia a palavra, atirava o olhar para o marido.

Como viviam em paz e em harmonia, o jantar — o primeiro jantar, depois da guerra do larado, em que todos voltavam a estar juntos — não podia deixar de ser mais do que sobrio, parco, mais do que parco — o mesmo. Fritz tinha fome; e a sua vontade de comer aumentava tanto mais quanto se via a mulher a guardar uma porção de comida, um pedaço de salpicão, uma *croquette*, para o dia seguinte. Fritz seguia, ansioso, com os olhos, apêl's manjares deliciosos, que a guerra obrigava a poupar para o dia seguinte, quando o seu estomago se sentia capaz de devorar todas as rações interiores.

Enfim, como tudo neste mundo, o jantar terminou. A hora de se deitar não tardou em vir. Fritz levantou-se. Mas onde se a pintura da guerra obrigava a vender todos os móveis inúteis, para fazer dinheiro, Magda, apenas uma estava, um belo tapete de seda. Fritz não queria que se perdesse esse de Magda, porém, porque a sua esposa lhe dizia a palavra.

Então, como sempre, quando Karl se levantava, Fritz dizia a palavra.

Karl, porém, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

Magda, quando se levantava, dizia a palavra.

# Historia concudente

Ha narrativas mais cabedulas do que S. Tomé, porque nem a evidencia se rende.

Ora quem é que ha por esse mundo fora que ponha em duvida as maravilhas do Metodo do dr. Asuero?

Toda a gente respondera — ninguem.

Porém, e menos certo, Asuero ainda tem de ratos que lhe cortam na caçaca e ainda muita criatura que come feijão, não acredita na superioridade do seu Metodo.

Nestas condições resolvi armarme em seu paladino, para, com a incontestavel autoridade que me distingue, proclamar *ubi et ubi* os beneficios admiraveis desse tratamento.

Fabriquei, porém, em forma branda de narrativas, oferecendo hoje aos conspícuos leitores do *Sempre Fixe* a seguinte que faz parte da primeira serie.

\*\*\*

Deixe-se este caso com um modo de narração. Todos os metodos mais celebres haviam sido experimentados sem resultado algum.

Um dia, um fazendeiro que chegara ha pouco do Brasil, levou ao meu consultorio para eu experimentar nele o famoso metodo.

Eu não tinha ainda nesse tempo os melhores colchões. Usava o velho colchão.

Preparado, deito-me, abri-me as ventanellas do quarto, depois o trapezo.

Sentado, um fazendeiro chegou a carteiro gritando, e tapou de um pulo a cabeça com os olhos para não serem vistos como um passageiro.

— *Good Morning, sir! Hello good! Much obliged!*

Estava eu, portanto, ao que me queira, a fazer o meu trabalho.

— *Oh, thank you, thank you!*

Portantissimo, deito-me, portanto, a dormir.

Fiz-me a dormir. Mas, como tinha de consultar o choro de gente, tratei de guardar para mim o meu espaço e de guardar no espaço o choro de gente. Sentado, portanto, procurei, sobre o instrumento tinha em a vista a minha *Machete* de *La Guardia*.

Dr. Valeriano.

**"A Peninha" "Restaurant"**

O seu proprietário previne os seus Exmos amigos e clientes que reabrirá este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do prédio onde se encontrava instalado amargar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também nos domicílios, com pessão devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietário, que espera e agradece uma visita a novo:

**"PENINHA"**

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)  
Junto à fabrica de cerveja Portuguesa - TELEFON: N. 5592

## DEPOIS DO FUNERAL



— Tenha paciencia, D. Pulcheria, não chore...  
— Isso queria eu... Mas se não choro o que dirão as más linguas...

**ATUM EM AZEITE?!**

**Só TENORIO...**

MARCA REGISTRADA

**Quereis dinheiro?**

Jogal no

**Lama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

**Sempre sortes grandes!**



Isto é que é um do de peitos.

— É verdade. Até incho do.





O que se diz e o que se não deve dizer

## OS PRIMEIROS DESAFIOS DE FOOT-BALL

Desde o primeiro de Agosto foram absolutamente interditas, em Inglaterra, aos automóveis, os ruidos mecânicos susceptíveis de incomodar o público...

Nunca a polícia britânica multou tanto os *sportsmen* automobilistas, como depois do primeiro de Agosto...

Mas o *humour* conserva os seus dioses.

Um *polvencado* manda parar o condutor d'um velho *bat-tatas* que range por todos os lados. Prepara-se para receber a multa prevista, mas o homem protesta.

— O senhor não tem culpa alguma! Quem faz este barulho todo é o meu! Porque eu sou asmático!

\*\*\*

A *torrada* *casimira* Casars-Sentral foi ganha pelo barão timonado pelo príncipe herdeiro Zela da Silva.

Sem desanimar para os outros generosidade, devemos confessar que a falta nos não surpreendeu. A inscrição de Zela da Silva numa prova dessa natureza é tal qual como a inscrição de Nunes dos Santos numa corrida de automóveis. A competição foi resolvida, antes mesmo de realizada.

\*\*\*

Ford construiu o seu segundo milhão de carros em seis meses e vinte dias. Por conseguinte, saiu um carro da fábrica, de cinco em cinco segundos.

Os fanáticos dos métodos americanos extasiaram-se.

Mas um engenheiro da casa diz: — Não é nada de extraordinário. Porque, mesmo a essa cadência ra-



— Você não joga hoje o «tennis»?  
— Não. Estou muito caçada. Ontem joguei imenso o... «flirt».

pidíssima, não conseguimos substituir todos os carros escangalhados pelos nossos clientes...

\*\*\*

Realizaram-se no domingo passado os primeiros desafios de *foot-ball* da época 1929/30.

Pode dizer-se que a época abriu com chave de ouro: — com um resultado inesperado e lógico. O *team* campeão de Portugal foi batido por um grupo do Barreiro, por cinco bolas a três.

Se esta entrada em matéria define o resto, vamos ter uma época ainda mais divertida do que a anterior.

\*\*\*

Disputando a entrada na Divisão de Honra, o *Chelas* bateu o *Palhared* por quatro a zero.

Foi talvez provido isto que a *Julio de Araujo* arranhou o *travesti* ao velho *Imperio*.

*Tout passe, tout casse, tout lasse...*

\*\*\*

O *Rallye* Automovel de Vila do Conde deve constituir um êxito. Mas há que confessar que para isso pouco contribuiu o grande diário patrocinador.

Do Sul, onde há cerca de vinte mil automóveis, increveram-se catorze — o que dá uma fraca ideia da propaganda feita pelo órgão ou do seu poder publicitário.

Em compensação, no Norte, os jornais que não eram patrocinadores dedicaram ao *Rallye* artigos consecutivos de duas e três colunas.

Mancejos do diabo.

## AS LEIS DO FOOT-BALL EM VERSO

### LEI PRIMEIRA

#### Numero de jogadores

O jogo do *foot-ball*  
É entre dois contendores,  
Composto qualquer partido  
De onze ou menos jogadores.

Este *menos* que aqui digo  
Tem um limite. Veréis  
Que nenhum grupo consegue  
Jogar sómente com seis.

#### Explicações fortuitas

Se algum jogador sair  
Ou entrar, a lei bem diz  
Que em qualquer caso tem de ir  
Ao beija-mão ao juiz.

#### A forma do campo

O campo, segundo a lei,

Tem um feitiço definido:  
A forma rectangular,  
Menos largo que comprido.

Sessenta metros de largo  
Por uns cem de comprimento,  
Eis a média das medidas  
Que convém neste momento.

#### Explicativa necessária

Se dentro desse rectangulo  
Um prédio se edificar,  
Logicamente que o campo  
Não serve para jogar.

#### As balizas

Existem nas cabeceiras  
Dois paus metidos no chão,  
Onde se encontra um fulano  
Armado em guarda-portão.

Entre esses paus ha um espaço  
Duns sete metros e tal  
E quando a bola lá entra,  
É *goal* certo, fatal.

#### O resto

No campo ha mais uns risquinhos  
Feitos a cal ou a giz  
Que servem para o juiz  
Marcar uns *freekick*esinhos.

#### A bola

A bola é sonho que passa.  
É um ai que se desfaz.  
Ha quem a jogue de graça!  
Mas agora por desgraça  
Já ninguém disso é capaz.

O material de que é feita  
— Coiro, sola ou entretela —  
Deve ser maciosinho,  
P'ra o jogador que dá nela  
Não sentir nesses momentos  
Alguns choques violentos.

Num jogo internacional,  
Um arbitro que é conciso  
Leva, além do que é preciso,  
A balança decimal.

Porque a lei é muito clara,  
P'ra não haver geringonças;  
A bola deve pesar  
Entre treze e quinze onças.

(Fim da Lei Primeira)

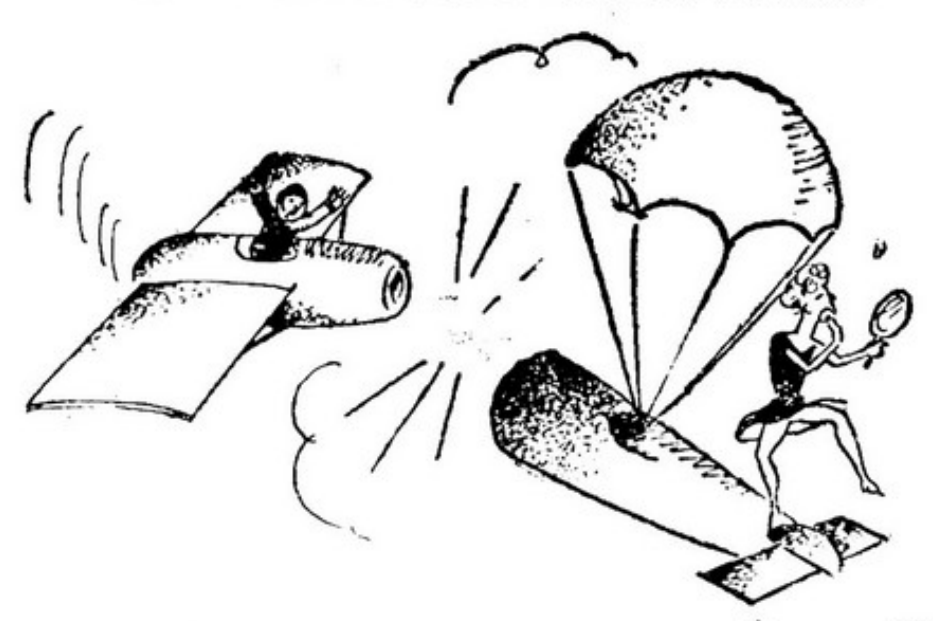
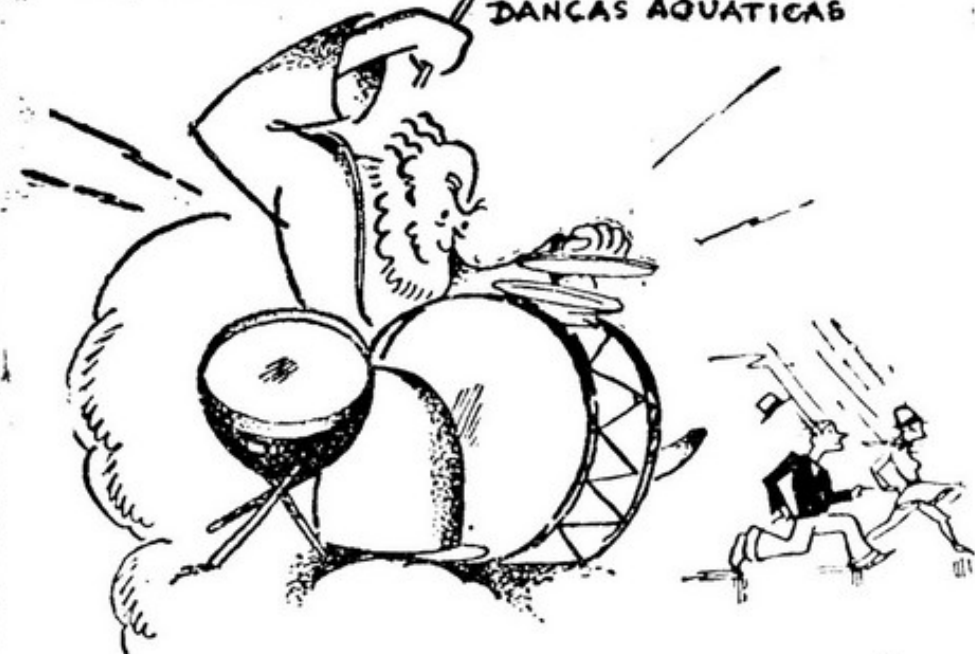
Zé Maria.



# ECOS DA SEMANA

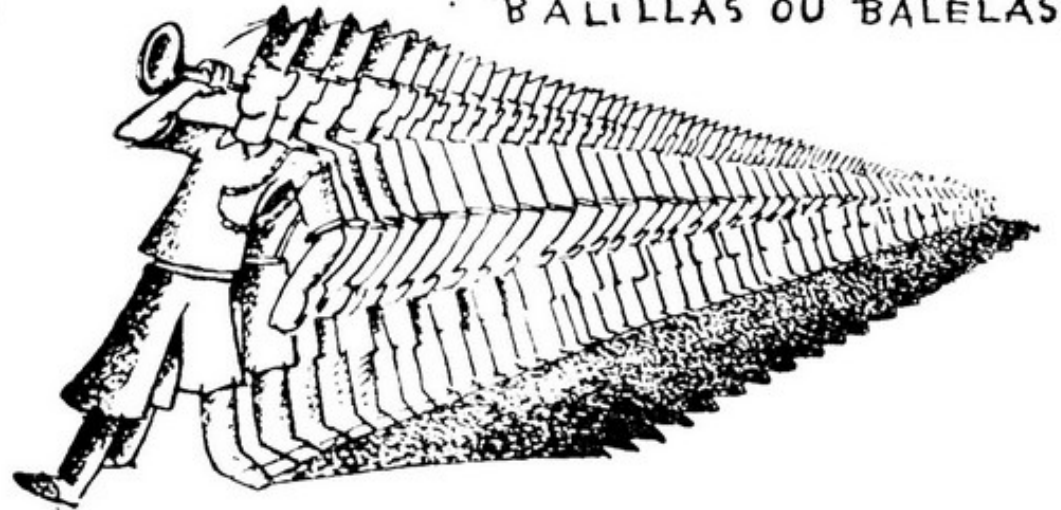
HOUE LA' EM CIMA JAZZ-BAND E CA' EM BAIXO DANCAS AQUATICAS

NA AMERICA UM AEROPLANO PERDEU O RABO. RECOMEN- DAMOS O USO DO PARA-RABOS PARA OS MESMOS.

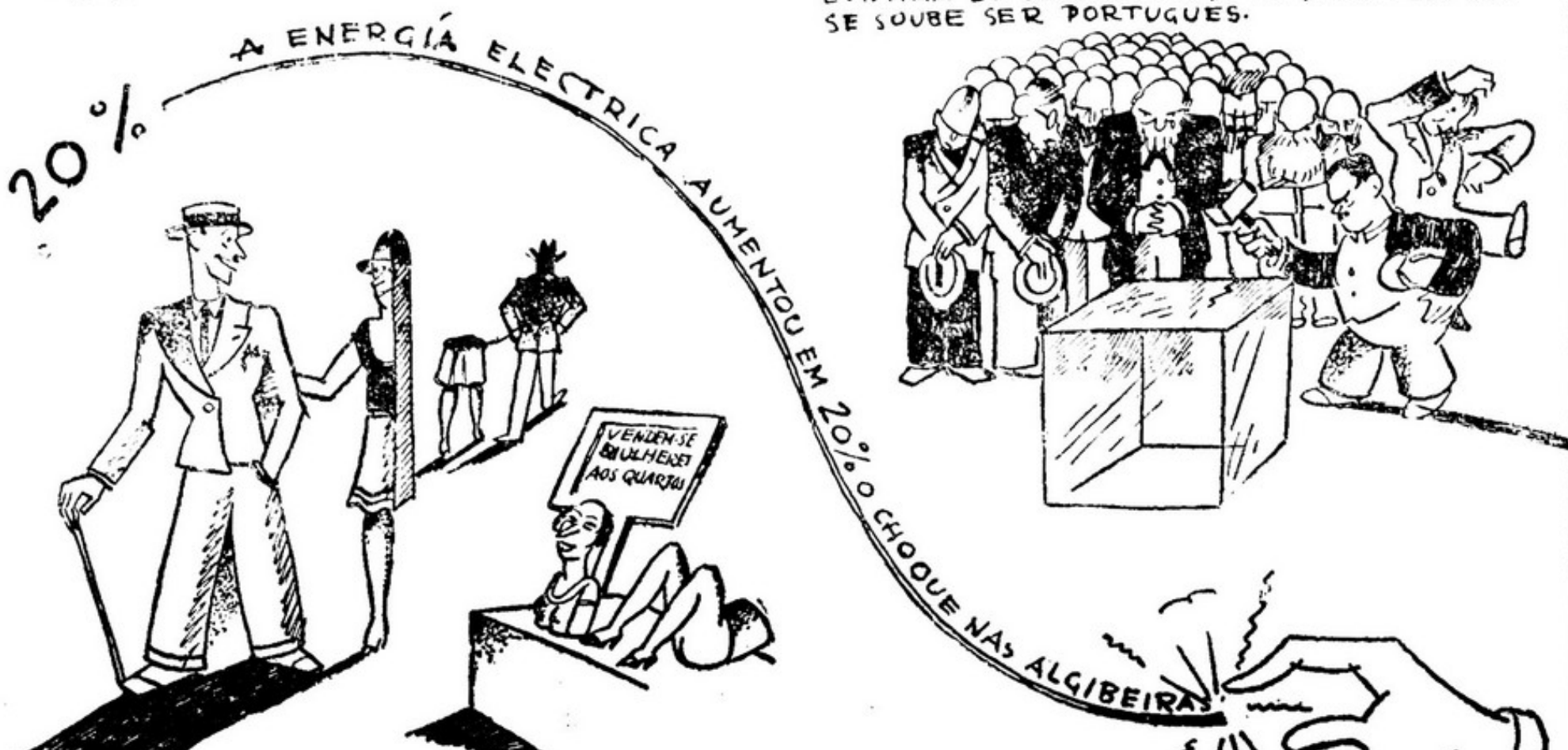


COMO AS SENHORAS JA' NAO USAM MEIAS TERAO DE COMECAR EM BREVE COM APLICACOES DE POMA- DA NAS PERNAS PARA O CRESCIMENTO DE PELOS NAS PERNAS, POR CAUSA DO FRIO.

AFINAL EM QUE FICAMOS? BALILLAS OU BALELAS?



A IA PEDRA PARA O PALACIO DA S. DAS NAÇÕES FOI DE GELO. TODOS OS PRESENTES ESTAVAM DE BEICINHO A' EXCEPÇÃO DE UM QUE SE SOUBE SER PORTUGUES.



EM ESPANHA HA UM HOMEM COM 3 MULHERES. POIS CA' TOMARAM MUITOS TER METADE DUMA, UM QUARTO, ETC. VAI BREVEMENTE ABRIR UMTALHO. 'LANDRU'S', PA- RA FORNECIMENTOS DESSE GENERO.